

Das Públicas Virtudes

» A directora de *casting* mais importante do país assume a vocação de cantora. Uma reinvenção embalada em jazz com concerto marcado para o próximo mês no Santiago Alquimista. O disco está para breve...

Nesta fase como está a sua vida de cantora debutante?

Estou muito satisfeita. Estou numa fase de descoberta. No último concerto, tive um clique, daqueles que transformam as pessoas. Agora já posso dizer que estou no bom caminho. Esse clique deu-se quando uma amiga veio aos bastidores dizer-me umas palavras mágicas enquanto me ralhava. Na segunda parte do concerto tudo mudou! De repente, soltei-me! As pessoas na plateia até perguntaram o que tinha acontecido.

Depois desse clique o sonho torna-se ainda maior...

Sim... Como no meu dia-a-dia vejo muitos actores a representar reparo que quando são maus até mete dó. Portanto, tenho uma grande noção do ridículo, sou muito crítica em relação a mim própria. Houve sempre aquela dúvida: será que isto pode ficar mais sério ou continuo a cantar só para os amigos? Agora finalmente percebi que tenho qualquer coisa para dar. Gosto de cantar, sinto-me bem no palco e, afinal, posso levar isto mais a sério!

E sabe o que tem para dar?

Sei. Mas não sei explicar... Com o canto exprimo-me e dou satisfação a quem está a ouvir.

Trata-se de uma dádiva?

Sim, penso que sim. Em relação ao canto é muito isso. Não

se trata só de técnica, mas também de sentirmos que estamos a proporcionar qualquer coisa de bom às pessoas.

O disco já está a caminho?

Há uma proposta de uma gravação de um disco em relação à qual fiquei curiosa. O que não quero é gravar por gravar. Até agora o que tenho cantado são sobretudo *standards*. Ou tenho alguma coisa para trazer de novo ou, então, acho que não vale a pena. Temas originais seria o ideal. E o que gostaria era de fazer uma fusão de géneros, misturar o *jazz* com *soul*, *blues* e *bossa-nova*. Tudo menos *rock*...

Tem 39 anos. Não tem pena de não ter avançado para a música mais cedo?

Não, não estou nada arrependida. Nada do que faço na vida é planeado. As coisas surgem no momento em que têm de surgir. Senti que este é que era o momento para a música e deixei expandir esse desejo. E isso da idade é apenas no bilhete de identidade... Agora, sim, chegou a altura de realizar o meu sonho depois de ter andado a ajudar os outros a concretizar os seus. E o meu sonho é cantar. Cantar muito. A ideia da minha escola de actores também foi um sonho e está a correr muito bem.

O prazer de ser directora de *casting* mantém-se?

Continuo a ter um enorme, enorme prazer! Sinto-me uma privilegiada. Cada guião é uma história, o que me faz estar sempre a imaginar actores.

Mas sente também a responsabilidade de estar a mexer com o destino de tanta gente?

Sim, mas olho mais para o lado do privilégio.

Percebe que há muitos actores dependentes de si...

[Risos] Não há nada! Às vezes percebo que posso causar um certo efeito de poder, sobretudo quando encontro pessoas muito nervosas à minha frente. Isso acontece quando semanalmente recebo pessoas que querem que as conheça... Fico um pouco perplexa. Acima de tudo não sou nada inacessível. Às vezes não me apercebo da importância de dar pelo menos cinco minutos de atenção a determinada pessoa.

Qual é neste momento o melhor cartão-de-visita da Act, a sua escola de actores?

Os putos que estão no mercado. Eles podem ser vistos na televisão, no cinema, em anúncios, nas telenovelas, no teatro, enfim... em média oitenta por cento dos alunos que acabaram o curso estão a trabalhar.

Como queria que a Act crescesse?

Não queria que crescesse nada! A única coisa que queria era que fosse subsidiada. «



» Desafio

Qual o seu maior pesadelo? Levar uma bruta coça dos críticos musicais ou ninguém aparecer no seu próximo concerto?

Aterroriza-me mais o concerto às moscas. Era o pior que me podia acontecer... Isso deve ser horrível, até porque os concertos que tenho dado têm tido muita gente.



Patrícia Vasconcelos

«Nada do que faço na vida é planeado»



» Os meus HERÓIS

JAMIE CULLUM

«É um jovem cantor absolutamente extraordinário. Descobri-o quando em Portugal ninguém ouvia falar dele. Canto dois temas dele nos meus concertos. É um geniozinho de 24 anos.»

CLINT EASTWOOD

«É uma verdadeira caixa de surpresas. Quem diria que faria este percurso!? Além disso, é de uma humildade extrema! Este seu novo filme é arrepiante, genial!»

STEVIE WONDER

«Sou fã dele desde que aprendi a falar. Adoro-o! Tenho uma ligação fortíssima com a sua música. Lembro-me de estar sozinha no quarto a cantar as canções dele aos berros!»

Rui Pedro Tendinha

rui.tendinha@netcabo.pt

FOTOGRAFIA: NENI GLOCK